

Tempos desinteressantes: ensaio sobre o imediato na história ou os sentidos da vida na atualidade

Uninteresting times: Essay on the immediate in history or the meanings of life today

Leonardo Bentes Rodrigues

Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, Brasil.

Resumo

O objetivo deste ensaio é traçar reflexões sobre as consequências da percepção da aceleração temporal em nosso cotidiano. Deste modo, lançamos a discussão sobre a pretensa consolidação de um projeto social de presente/futuro no qual o *consumo* (desejo fundado na insatisfação) tomou gradativamente o lugar da *utopia* (apelo pela mudança), transformando cada vez mais o presente dos seres humanos como espaço de prazeres imediatos, enquanto elimina possibilidades de horizonte de expectativa tornando suas vidas “desinteressantes”. Como recorte temporal para a análise, partiremos do contexto histórico do fim da União Soviética (1991) e a suposta “vitória” do campo capitalista até o avanço de sua economia política em nossa contemporaneidade a partir das reformas neoliberais da segunda década do século XXI no mundo do trabalho.

Palavras-chave: tempo; historicidade; aceleração.

Abstract

The objective of this essay is to reflect on the consequences of the perception of temporal acceleration in our daily lives. In this way, we launch a discussion on the alleged consolidation of a social project of present/future in which *consumo* (desire based on dissatisfaction) has gradually taken the place of *utopia* (a call for change), increasingly transforming the present of human beings into a space of immediate pleasures, while eliminating possibilities of horizons of expectation, making their lives “uninteresting”. As a time frame for the analysis, we will start from the historical context of the end of the Soviet Union (1991) and the supposed “victory” of the capitalist camp until the advancement of its political economy in our contemporary times based on the neoliberal reforms of the second decade of the 21st century in the world of work.

Keywords: time; historicity; acceleration.

Informações do artigo

Submetido em 24/01/2024

Aprovado em 14/08/2024

Publicado em 27/02/2025.

 <https://doi.org/10.25247/P1982-999X.2025.v25n1.p81-96>



Esta obra está licenciada sob uma licença [Creative Commons CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Como ser citado (modelo ABNT)

RODRIGUES, Leonardo Bentes. Tempos desinteressantes: ensaio sobre o imediato na história ou os sentidos da vida na atualidade. *Ágora Filosófica*, Recife, v. 25, n. 1, p. 81-96, jan/abr, 2025.

1 INTRODUÇÃO

“O tempo é o maior tesouro de que o homem pode dispor; embora inconsumível, o tempo é o nosso melhor alimento; sem medida que o conheça, o tempo é, contudo, nosso bem de maior grandeza: não tem começo, não tem fim [...] o tempo está em tudo”.

Raduan Nassar, Lavoura Arcaica

São cinco horas da manhã, desde às quatro e meia, os primeiros raios solares irradiam o céu de Recife, clareando intensamente a cidade em movimento. A rua do Príncipe está repleta de estudantes e trabalhadores ansiosos à espera do transporte, convictos de que não podem perder o ônibus, se não, tardarão em registrar o seu ponto ou não chegarão a tempo para o primeiro tempo de aula. Lotado, o trabalhador passa entre os demais passageiros, se acomodando da melhor forma para enfrentar o caos do trânsito que o fará perder precioso tempo entre o trajeto de sua casa e o trabalho. Puxa o celular do bolso, move o dedo para desbloquear a tela, atualiza os *reels* da timeline consumindo vídeos de conteúdos rápidos, amenizando o cansaço provocado pela pressa. Consequentemente, essa ligeireza do ritmo da vida empurra o cidadão para próximo do abate temporal na contemporaneidade: a perda do porvir que o imediatismo ocasiona na vida de seus cidadãos.

Ao tocar a tela do celular, qualquer cidadão do mundo pode ser tomado pelo espanto de que tudo em sua volta acelera, da atualização das notícias no antigo *twitter* ao atravessar das horas de trabalho através das constantes visualizações de nossos *smartwatch* nos pulsos, versão atualizada do relógio como instrumento regente de disciplina do tempo e subordinação incorporada ao regime imediatista das redes sociais (Thompson, 1998, p. 279). Notamos que com o passar dos anos, os meses parecem percorrer repentinamente, o hoje foi ontem, o amanhã já anoiteceu. Aliás, como questionamos as consequências que torna essa passagem, rápida ou devagar, útil ou não para as experiências históricas dos sujeitos habitantes da contemporaneidade, ou melhor, será que esse efeito torna a vida menos ou mais interessante?

Nossas cidades são habitadas por sujeitos acelerados e movidos por conteúdos instantâneos provenientes das redes digitais. Obtemos, talvez sem notar, a efemeridade dos dados, que se esvaem nos HDs, nas nuvens, enquanto músicas e vídeos curtos são destinados para o apressado consumo. Intimamente, nossas vidas afetivas são movidas pelos impactos da modernidade líquida. Psicologicamente, o imediato pulsa em nossas veias, como se o dever do agora fosse vital para oxigenar o nosso corpo. Clínicas psiquiátricas são cada vez mais frequentadas com o objetivo de sanar nossas ansiedades, aproximando de nós a abstração do não-futuro. Politicamente, sonhos e utopias já não habitam os corações e mentes dos jovens, frustrados com a falta de oportunidade. Afinal, tudo parece ter sido arrasado pelo agora e nada mais nos interessa, é o inferno da mesmice (Han, 2023, p. 23).

Neste contexto, questionado por uma entrevistadora sobre o que torna a “vida interessante”, o psicanalista Contardo Calligaris retrucou que não lhe interessaria ser feliz, o que “interessa é ter uma vida interessante”¹. Para o psicanalista, a procura incessante da felicidade é uma preocupação desnecessária, comercializada futilmente como um produto. Crítica o “ideal de felicidade”, como tremendo desastre que nos tenta poupar de tudo o que é ruim. Influenciados por essa lógica, ligamos a felicidade ao consumo fundado no desejo da insatisfação, ou seja, nenhum objeto pode nos satisfazer plenamente (Calligaris, 2023).

Afinal, esse mecanismo sustenta o capitalismo moderno através de uma fórmula simples: desejamos tal pessoa, carro, relógio ou viagem, mas, quando conseguimos o que almejamos, damos conta de que é o momento de desejar outra coisa, conclui o psicanalista. Desta forma, nossa relação com o desejo está ligada à imaginação de algo que nunca tivemos, mas que teria nos satisfeito totalmente.

Espantando a frustração de percorrer o caminho da busca pela felicidade, Calligaris defende que o ser humano precisa sentir plenamente as dores, as perdas, o luto e o fracasso. Sobretudo, nutrir a “sensação de competência” no exercício do trabalho como fonte de bem-estar. Posteriormente, condenado a tratar sobre tal

¹ A entrevista foi concedida ao programa “Roda Viva” da Tv Cultura em 13 de fevereiro de 2017. In: <https://www.youtube.com/live/mA7B1Q6voXI?si=cYBOGiVIs1ujQa4M>

questão em suas aulas, defendia quase que cartesianamente, que “ser feliz” é uma preocupação desnecessária.

Na verdade, a formulação do questionamento da jornalista pode ser interpretada também a partir da noção de historicidade: se naquele presente, ter uma vida interessante era a mesma de alguns anos atrás. Sua resposta arguta e sincera provocada pela psicanálise, uma maneira de distribuir o espaço da memória, não só nos alertava para desacelerarmos nossos corpos e mentes, como também notar que o tempo, além estar movendo rápido, está freneticamente tornando a vida dos seres humanos, desinteressantes.

2 AFINAL, QUE TEMPO – DESINTERESSANTE – É ESTE?

A aceleração temporal é consequência direta da modernidade. Porém, nem sempre o tempo correu de forma rápida, vazia e linear. Logo, entender que os seres humanos não foram levados a acelerar suas vidas por todo o sempre ou que continuamente foram sujeitos desinteressados é fundamental para compreender que nossa sociedade possui um lugar estrangeiro, ou seja, o passado. Sobretudo, é preciso entender que existe uma interdependência entre passado, presente e futuro.

O processo de constituição de sentido pela consciência histórica nos faz compreender que a transformação de si mesmo e da sociedade em que vivemos trata-se de elemento fundamental para notar que o tempo não é rígido e estanque, na verdade, encontra-se em mutação e os sujeitos são seres dinâmicos em contato com os outros, quase como num longo rito de transformação mediado pela cultura. Afinal, a diversidade humana é um fenômeno natural, entretanto, nunca foi enxergada pelos homens como tal, mas, como uma monstruosidade ou escândalo (Lévi-Strauss, 2017, p. 342).

Precisamos interrogar o mundo de forma específica, a partir da historicidade do tempo: nem sempre as “coisas” foram assim, aconteceram mudanças e as conquistas históricas, como, por exemplo, o direito ao voto das mulheres ou mesmo o direito ao recebimento do 13º salário, não foram obtidas da noite para o dia. Tratam-se de processos de longa duração, nos quais os seres humanos sucumbiram à dor pela conquista de suas liberdades, afinal, nada foi gratuito. Aliás, conhecer a nossa história

e perceber como os seres humanos chegaram a pensar o que pensam, porque possuem certos comportamentos, medos, ansiedades, além de diferentes formas de apreender e significar o mundo, torna-se fundamental para conseguirmos orientar nossas vidas e “feitos” no tempo (Rüsen, 2001, p. 74).

Tomemos como marco histórico de nossa discussão o findar do *breve século XX*, datado em 1991 com o fim da União Soviética, como chave para compreender tal questionamento ou pelo menos abrir fendas em nossa discussão (Hobsbawm, 2012). A suposta hegemonia do capitalismo após o “fim” do socialismo real representou a ascensão da economia neoliberal, além do latente processo de aceleração temporal tendo como seu motor o *consumo*, ocupando o espaço da *utopia*. Sua estratégia visou à instauração de novas condições políticas, modificação das regras de funcionamento econômico além da alteração das relações sociais (Dardot & Laval, 2016, p. 191). Por exemplo, nos Estados Unidos, até os democratas se renderam a esse novo recorte de projeto mundo.

O surgimento dos *New Democrats* durante o auge do neoliberalismo, ala do Partido Democrata representado pelos Clinton, teve como objetivo mover a política do partido a adotar certo “pragmatismo neoliberal” como resposta ao contexto de outrora. Como arauto desta missão, Bill Clinton encarregou-se de apresentar aos estadunidenses a novidade no partido durante as primárias da campanha presidencial de 1992. Promoveu a si mesmo como “novo democrata” e o seu “diferente jeito” visava atender às preocupações e valores dos eleitores brancos de classe média que abandonaram os democratas nas eleições da década de 80, quando o neoliberalismo alcançou seu auge a partir da vitória do republicano Ronald Reagan. Clinton não queria sua imagem atrelada ao modelo de democrata “tradicional” na linha de Michael Dukakis, Walter Mondale ou Jimmy Carter.

Seu grande sucesso, ou para a infelicidade da classe trabalhadora, foi entender que a sobrevivência do partido só poderia ser concretizada através do audacioso projeto de poder que visava a garantia da preservação de interesses. Deste modo, os *new democrats* tornaram-se lobos em pele de cordeiro e o seu governo encheu-se de contradições: ao mesmo tempo em que combatia o racismo, a reforma do sistema prisional ocasionou o superencarceramento de negros e latinos, desmontou a rede de assistência social do país sendo as mulheres (mães solteiras) as mais prejudicadas, enquanto a primeira dama atuava como porta voz do feminismo. Além disso, sua

reforma do estado de bem-estar social cortou benefícios, endureceu a concessão de seguro-desemprego e afastou o governo da população pobre. Esses fatores ocasionaram o rompimento de apoiadores que passaram a contestar tais medidas ao perceberem como uma “evidente plataforma republicana”. Em suma, notamos que o regime neoliberal impede a formação de narrativas constitutivas de comunidade, despolitizando-as em causas individuais (Han, *op. cit.*, p. 127).

Posteriormente, os primeiros anos do novo século trouxeram o anseio pela mudança com a vitória do metalúrgico Luís Inácio Lula da Silva em 2002. Inaugurando o primeiro governo de esquerda no Brasil, não tardou que o sindicalista se rendesse aos ditames da cultura política brasileira. Neste país, seus grupos dirigentes buscam acordos para evitar radicalizações no cenário político e manter a ordem embasados no discurso de que o povo brasileiro seria “ordeiro e pacífico. Porém, tal medida tem por objetivo despolitizar os populares e excluir suas ações das disputas de poder. Lula prometeu mudanças, mas teve que se alinhar a essas forças. Preferiu o caminho da conciliação, da acomodação política.

A confiança pela mudança virou frustração e com o decorrer do tempo vem ocasionando um latente desinteresse em nosso viver. A possibilidade de consumir nutriu a expectativa dos brasileiros, que, impossibilitados pelos pactos conciliatórios de nossas elites de enxergar além, não tardaram de se frustrarem após sentirem que o seu potencial de compra se esvaziava diante das graves crises econômicas e políticas que assolaram o país na segunda década do século XXI.

O desinteresse se presentificou na casa dos brasileiros. Neste cenário, reformas impopulares foram postas goela a baixo: perdas de direitos sociais, teto de gastos, precariedade do trabalho, falta de investimento em ciência e tecnologia, reforma no ensino médio, além de pacotes de concessões e privatizações. Posteriormente, o modelo adotado pelo governo de Michel Temer ocasionou na Espanha uma geração de jovens desencantados, restando apenas empregos precários e baixa remuneração para a geração mais preparada da história do país. Néstor Canclini (2016, p. 13) enxerga esse avanço da informalidade como reflexo da colaboração dos partidos e da impotência da chamada sociedade civil, aliás, frisa que essa precariedade entre os jovens mais educados e mais desempregados esboça “um futuro sombrio que não sabemos como evitar”.

Neste estado de crise, o mercado passou a reger não só o tempo, mas os corpos e as mentes. Logo, não tardou no Brasil o alastramento de gente desinteressada, desestimulada e desmotivada, especialmente entre os jovens. Impulsionando esse cenário, o consumo provocou nessa geração a ausência de horizonte de expectativa e as suas buscas passaram ser influenciadas pelo imediato, ocasionando em seus corpos sintomas patológicos como a ansiedade, síndrome do pânico e a falta de interesse pelo mundo e pelo outro, encarnada na depressão, considerada por Calligaris como o “grande espantalho” de nosso século. Trata-se da afirmação de tempos *sem aura*, sem futuro (Han, *op. cit.*, p. 40).

Para o historiador François Hartog estaríamos vivenciando um presente onipresente ocasionado pelas estruturas da modernidade que impõe um único horizonte possível, imperando o imediatismo. Essa “crise” do tempo traz consigo o risco e a consequência da dificuldade em enxergar o horizonte de expectativa, ocasionando o rompimento das experiências históricas de outras temporalidades. Esse presente multiforme e multívoco “é ao mesmo tempo tudo (só há um presente) e quase nada (a tirania do imediato)”, logo, a percepção de que o presente está alargando seu espaço e impondo sua hegemonia (Hartog, 2013, p. 15; 259).

O movimento dessa conjuntura parece incitado pela forte presença do imediatismo do tempo do mercado, imperioso na política, procurando insuflar a desilusão com a mudança e pondo em risco as velhas democracias representativas que além de não responderem os anseios desses jovens frustrados, não sabem enfrentar ou mesmo ajustar os ritmos da tomada de decisão desta tirania do instante sem arriscar comprometer sua estabilidade (Hartog, *op. cit.*, 10).

No Brasil, essa tirania produziu a acomodação dos “filhos da redemocratização”, ou seja, nascidos após a ditadura militar e manietados pela tradição conciliatória da cultura política brasileira, cresceram pensando que a democracia estava consolidada pela luta da geração anterior. Porém, enganados pelas instituições liberais, viram-se frustrados com a pretensa luta democrática com vista à derrota eleitoral de Bolsonaro em 2018. Por outro lado, também há crescente adesão de jovens que observam no reacionarismo o desejo de que seus horizontes sejam concretizados. Parece que esses dois movimentos confluem para o mesmo rio, que deságua no imenso oceano desesperançoso existente em nossa sociedade.

Some-se a isto, somos provados constantemente a conferir a veracidade do fato a partir do recebimento de mensagens nas redes sociais. Porém, a sociedade se encontra à mercê da total falta de comprometimento dos conglomerados de tecnologia e mídia social no combate a propagação de notícias falsas. Cada vez mais dominado por poucos magnatas, as democracias são reféns destes domínios senhoriais que incitam o consumo, sem a mínima preocupação com o humanismo.

Em suma, esses tempos desinteressantes são marcados pela desilusão e o seu caldo insosso de frustração desce goela a baixo principalmente dos jovens. Na verdade, esse estado de crise é resultado visível da precarização do progresso social, repellido constantemente pelo avançar do progresso técnico na sociedade ocidental. Em momentos de crise, diminui os ricos e cresce o número dos pobres pelo globo, os direitos fundamentais são postos em xeque e trocados em nome da austeridade fiscal. Visivelmente, a marcha do progresso vem levando essa massa de frustrados à beira do precipício, Walter Benjamin (2016) diria que são contextos marcados pela ilusória ideia de projeção linear, vazia e homogênea do tempo e porque não, das mentes e dos corpos?

Corpos levados ao extremo cansaço em decorrência de longas jornadas de trabalho, ocasionado pela precarização das reformas trabalhistas, perdendo seu tempo em ônibus lotados e presos nos engarrafamentos das grandes cidades, além das consequências da uberização dos trabalhadores, desassistidos em acidentes graves no trânsito, em nome da sobrevivência financeira e existencial.

Afinal, o tempo “bem vivido” deveria ser um direito fundamental e inegociável. Em muitos países, a luta pela qualidade de vida perpassa na discussão da redução da jornada de trabalho. Mas, num país como o Brasil, onde a herança escravocrata ainda impera nas relações de poder, tal iniciativa jamais seria tolerada, pois, o tempo é privilégio dos brancos.

3 ATUALIZAÇÃO EM DOIS SENTIDOS OU PARALISADOS NO TEMPO PRESENTE?

Percorrer as ruas e vielas da histórica cidade de Olinda traduz-se num itinerário perfeito para observar como as diversas pessoas saboreiam o seu tempo, transitando pelo espaço que nomeio de microcosmo em que circula o macrocosmo do mundo.

Atravessar os “quatro cantos”, subir a ladeira da Misericórdia e esbarrar com o ateu comovido de Alceu Valença, passar pela Sé, descer a rua bispo Coutinho, dobrar à direita e chegar ao Convento de São Francisco. Em frente, esperam ansiosas, as senhoras com seus cachorros para a “benção dos animais”, como forma de fazer memória ao pobrezinho Francisco, cuja festa se aproximava. Templo lotado de fiéis, na procissão de entrada percorre solenemente um frei com pouco menos de trinta anos, trajando impecáveis vestes solenes: sobre seu hábito marrom, túnica rendada e à cabeça um indiscreto solidéu (espécie de “chapéu” que na atualidade só é usada por altas personalidades hierárquicas da igreja). O órgão soava desastradamente junto ao coral desafinado, que em vão intencionava romanizar a missa do alegre pobrezinho de Assis. Para a homilia, foi convidado um padre (filho dos anos pós-conciliares e ansioso pela atualização do catolicismo) seguro nas palavras e certo na crítica, frisou a importância das *reformas* do Papa Francisco, enfatizando tal categoria como única capaz de atualizar a Igreja perante a contemporaneidade. Retrucando, como resposta ousada, o frei, filho da estabilização temporal da modernidade, com solidéu na cabeça, pedia insistentemente a *restauração* da Igreja durante as preces comunitárias.

Duas gerações, duas vivências, duas formas de experienciar o tempo, duas formas de projetar o horizonte de expectativa. Jocosos que na Olinda macroscópica e foliã, também há espaço para experiências diversas, inclusive para *jovens retrotopistas*. Sonhar com o passado passou a ser cobiçado por essa juventude, talvez antes impelida pelo desejo de mudança. Aliás, o pretense fim do pensamento utópico fez surgir a *retrotopia*, ou seja, a presença do sentimento de desconfiança e no regresso a um “possível” passado mitificado. Essa nostalgia indiscreta se põe como mecanismo de defesa contemporâneo ao apelo à mudança (Bauman, 2017). Nesta conjuntura, nem todo padre jovem é reformador e nem todo frei velho é restaurador.

Voltar à década de 60 é crucial para entender o que se passou no Convento, sobretudo para entender nossa própria sociedade contemporânea. Não foram só as ruas de Paris que, através dos estudantes, pediram mudança nas relações culturais e hierárquicas de sua sociedade. Na Igreja Católica, o *aggiornamento* (atualização) ressoou nos corações e mentes de padres, bispos e cardeais entusiastas por mudanças nas estruturas seculares de uma igreja estabelecida. O Concílio Vaticano II (reunião de bispos com o papa para tomar decisões pastorais ou dogmáticas) foi o

palco principal desta novidade: o papa deixou de ser rei, ofertou sua tiara aos pobres e passou a usar vestes simples para simbolizar a ruptura com o passado da cristandade. Os bispos desceram novamente as catacumbas para deixar sua nobreza e reivindicar seu serviço pastoral. Por fim, os padres deixaram suas batinas para se identificar como pessoas comuns. Atualizar era preciso, viver não era preciso. Mesmo diante do constante apelo de atualização, a cada dois passos que se dava para frente, quatro passos se davam para trás.

Depois do “papa sorriso”, filho de operário socialista, que prometeu uma igreja pobre para os pobres e afetivamente ousou ao afirmar que Deus também ama como mãe, a Igreja se isolou de seus fiéis. Assim como o mundo, o apelo à mudança também foi gradativamente minado pelas forças reacionárias. Quase cinquenta anos após fim do Concílio, o mundo se vê diante do avanço do reacionarismo tanto no plano político como dentro da própria Igreja, contraditoriamente, tem no seu comando um líder considerado progressista.

Parece que todos os esforços do Papa Francisco em atualizar a Igreja em atraso se encontram hoje enrijecidos pela base. Tomemos como exemplo o encontro entre jovens candidatos à vida religiosa e um experiente missionário angolano: diante do prognóstico temporal da igreja local em que é formador, desabafou aos presentes que sua geração vocacional ardentemente ambicionava a atualização da Igreja aos tempos modernos, porém, hoje, observa com preocupação a mudança geracional de religiosos e seminaristas que cada vez mais priorizam “agendas individualistas”. Esses jovens parecem chegar à formação imbuídos de “devocionismo” pronto e inflexível que ofusca a centralidade de Cristo, além de pouco afeitos à reflexão crítica do ministério em que pretendem assumir. Na contramão, em pleno século XVI, Inácio de Loyola, contrário aos “fervores indiscretos” dos escolásticos, exigiu moderação nas penitências na intenção de reservarem suas energias na dedicação aos estudos (Libânio, 2012, p. 13). Essa preocupação honesta motivou a fazer memória de outro desabafo: certa vez, um idoso padre formador narrou a angústia de um bispo na Amazônia ansioso em organizar seu clero local, na ocasião composto em grande parte por missionários estrangeiros. Na tentativa de alertar a trama imediatista do mal espírito em sua boa vontade, atentou: - Senhor bispo, não podemos formar apenas “padres de barranco” só porque estamos na Amazônia!

No presente, talvez seja a instituição de maior receptáculo da nostalgia do passado nunca vivido, mas desejado, principalmente pelos jovens. Não é só o frei que restaura dos armários objetos em desuso, mas outrem que atravessam a rua do lazer entre o campus e outro da Universidade Católica de Pernambuco. Ali transitam com seus adereços que a atualização mostrou sem sentido real ao presente, não só como nostalgia aos tempos passados, mas como demarcação de poder, talvez saudade indiscreta do poder temporal. Por outro lado, o atual e o não vivido também parecem confluir numa ambiguidade temporal de suas experiências: adereços da moda ao lado de adereços nostálgicos convivem em seus cotidianos, ninguém sabe se desejam ardentemente restaurar o passado ou não querem abrir mão do atual no presente.

Aliás, neste espaço de rico encontro da cultura universitária, muitos demarcam a vontade da negação ao diálogo com o tempo, rejeitando os rostos plurais que também ali transitam como sinais contemporâneos. Trata-se de um “catolicismo retrotopista”, numa cidade como Recife, onde o “catolicismo real” foi vivido como horizonte de expectativa por Dom Hélder Câmara, se vê diante da tentativa de ressuscitar igrejas mortas e crucificar templos novos como insistência restauradora de reviver o passado cumprido. Pelo centro histórico, as igrejas barrocas como documento-monumentos são exemplos desta prática, evidenciando o passado monumental que passou e cumpriu o seu destino. Neste espaço, o *aggionamento* é uma impossibilidade, fruto de um catolicismo estanque e da leitura imutável da tradição. Trata-se de trazer o passado de forma imediata para evitar o devir.

Concomitantemente, é nesta cidade em que habitam outros jovens influenciados de modos distintos pelo imediato. De um lado a juventude desejosa pela afirmação da mudança da realidade através da realização da utopia materializadas por atitudes perturbadoras da ordem, cuja ideologia visava manter o *status quo* procurando conservar a situação social existente de grupos dominantes. Adjetivamente marcada pela tomada da palavra, buscaram em seus protestos, libertar a palavra outrora aprisionada pelas hierarquias (Certeau, 1994). Essa utopia considerada realizável pelos jovens, são rotuladas pelos representantes da ordem como concepções de existência que jamais podem ser realizadas (Mannheim, 1982, p. 220). Porém, gradativamente o sonho pela mudança foi tomado pela vontade do consumo que afoga os sujeitos num presente sem futuro.

Do outro, a presença da juventude consumida pelo desejo da nostalgia do passado não vivido. Não obstante, o crescimento de células neonazistas, de grupos conservadores que oprimem a mudança, manifestando o preconceito e a discriminação de minorias pelo país e o latente desinteresse da juventude pela mudança. Tudo isso nos faz pensar se estamos paralisados no tempo presente.

Neste sentido, penso, como sintoma temporal, na “ideia de obsolescência”, ou seja, na compreensão de que todo produto tecnológico ou ideologias, por maior que seja o seu valor, tende ao desuso de forma acelerada. Também, “as pessoas estão definhando e se transformando em conjunto de dados que pode ser controlado e explorado” (Han, *op. cit.*, p. 29). Logo, a atualização, neste aspecto, torna-se uma categoria perigosa, pois, não só a atualização das tecnologias nos afeta, mas a constante atualização de nossos corpos e mentes. A vida deixa de ser interessante para ser consumida pelo “desejo de ser feliz”, estamos sempre marcados pelo desejo de fuga do mundo, resistindo ao real, refugiando na tela do celular, em remédios e outros lisérgicos para evitar o nosso total desequilíbrio.

Novamente, é o tempo do mercado que retira o espaço da experiência, ilude os sujeitos, promete sonhos e opera para retirar o interesse de ter uma vida interessante. Essa atualização recusa ao presente e ao futuro qualquer perspectiva de transformação. Sendo assim, a essa historicidade hegemônica chamamos de *atualismo*, ou seja, o “real se confunde com a atualidade experimentada como um presente vazio e autocentrado” (Araújo & Pereira, 2021, p. 3). Neste aspecto, essas atualizações no mundo tecnológico têm modificado a nossa relação com o futuro, deixando de ser o lugar da transformação e da esperança para se tornar apenas uma “cópia atualizada” deste lugar, melhor que o presente, porém não diferente dele. Em linhas gerais, essa historicidade atualista tem o futuro apenas como uma repetição, “o futuro atualista é apenas o presente 2.0” (*Ibidem*). Por isso, persistimos em pensar numa *paralisia do tempo*, decorrente da falta de expectativa de um horizonte transformador, a presença cada vez constante da apatia e acomodação, além do receio da mudança.

Neste processo de aceleração temporal, é nítido perceber que as pessoas passaram a simplesmente acumular *vivências* e não *experiências*, aprisionadas em mundos virtuais, apegadas ao passado, presas a tela do celular e pouco propensas a olhar para o outro. Neste sentido, assusta perceber que estamos reduzindo nossos

comportamentos para práticas ainda mais breves, cabe abrir qualquer aplicativo de mídia de vídeos curtos, onde o imediato rege a lógica da vivência, tudo torna-se efêmero e o que passa desta lógica torna-se tedioso. Cada vez menos temos paciência para assistir, por exemplo, filmes com duração de mais de uma hora (Benjamin, 2016). Neste sentido, rememoro o pedido insistente de Chris Martin, vocalista do Coldplay durante o show em 2023 no Brasil: insistiu ao público para guardar o celular, levantar as mãos, saborear a música, sentir a intensidade do momento e evitar a necessidade do registro momentâneo.

Curtas também ficaram as experiências afetivas, tornando-se descontinuadas vivências aceleradas. Desafetadas pela modernidade líquida, tais relações não duram o bastante e desmancham-se no piscar de olhos. Em jogo, encontram-se vulnerabilidades, inseguranças e o desafiante receio de poder conhecer profundamente o outro. Mesmo na constante vontade de abertura nos relacionamentos, nas redes sociais, os sujeitos exprimem o desejo da arte da conquista, do flerte, do charme e principalmente da reciprocidade, ações que em parte requerem maior saborear do tempo. Porém, o desejo é influenciado pela insatisfação: consumimos o corpo e no dia seguinte consumimos outro, pois, nada nos satisfaz completamente e o olhar sincero do outro desinstala a certeza de nossa liberdade. São contradições de nossa contemporaneidade, que não deixam de ser arriscada aventura nas relações humanas, excessivamente narcisista e hedonista, exprimindo o desejo imediato da padronização dos corpos e não pelo cortejar da conquista mediada por afetos e partilhas recíprocas.

Esse ritmo, também nos esgota. Pelas ruas, correm pessoas aceleradas pela tensão emocional e física, estressadas pela pressão do cotidiano laboral. De acordo com Hartmut Rosa (2019), o crescimento da síndrome de *burnout* não é causada apenas pelo excesso de trabalho, tão menos pela imposição do andar rápido, mas pela ausência de qualquer horizonte em direção ao qual se dirigir, sobretudo ao fato das pessoas correrem sempre mais rápido apenas a mantém em seus lugares, esgotando-as. Aliás, a pauta neoliberal nos incita a falta de tempo, desde não poder saborear o almoço, a não oportunidade de visitar nossos amigos, pois, estamos sempre ocupados, postergando encontros.

No mundo científico, a produção intelectual se equilibra na corda bamba dos prazos e da qualidade da entrega. Conseguiremos cumpri-los consumidos pela

burnout? Nos últimos anos, em especial no Brasil, a desvalorização do saber científico materializado pela precarização dos investimentos em pesquisas levou à criação de inúmeros doutores frustrados com a ausência de mercado de trabalho. Desinteressados, passaram a viver burlando a dedicação exclusiva entre um bico e outro para poder não só sobreviver, como possibilitar continuar o próprio trabalho de toda a vida. Restam os últimos sonhadores, ansiosos, cansados, mas convictos de que tudo isto passará e que o tempo em que a ciência era política de desenvolvimento social voltará. Neste contexto, o posicionamento da filósofa Isabelle Stengers é ousado e urgente: é preciso desacelerar também a ciência, produzir menos e melhor².

Em contrapartida, é preciso almejar *tempos ressonantes*, ou seja, outro modo de ser e estar no mundo, contrária a alienação e com o intuito de propor uma nova medida para a vida bem-sucedida (Rosa, 2019). Passamos pelas coisas sem as habitar e a velocidade nos impede de viver, tudo é ruidoso, veemente e efêmero, logo, “uma alternativa será resgatar a nossa relação com o tempo” (Mendonça, 2017, p. 21). Pensar como usufruímos e saboreamos o tempo já é o começo para a mudança, principalmente pelo melhor aproveitamento de nossas vidas: porque não lutarmos pelo direito ao descanso? A preguiça! Ao ócio criativo! A momentos de troca de afetos! Ir aos nossos templos religiosos, tomar uma boa cervejinha e principalmente pela redução da jornada de trabalho.

Afinal, os seres humanos são seres ressonantes, sensíveis ao toque e ao carinho, sempre em busca de alguma forma de contato que dê o sentimento mínimo de autoeficácia (Côrrea *et al*, 2021, p. 123). Creio que devemos voltar a sonhar e lutar por uma utopia, ou melhor, por uma causa. Concordo com Paul Ricoeur ao afirmar que a “única maneira de sair do círculo no qual a ideologia nos arrasta é assumir uma utopia”, aliás, com a ideologia o irreal é impossível, pois, sua mentalidade impossibilita a mudança (Ricoeur, 2017, p. 204-207). Para que vivamos uma economia verdadeiramente democrática, a causa em prol de *trabalhar menos e viver mais* parece ser justa contra a desigualdade estrutural ocasionada pelo tempo de mercado.

² Entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, 22 de janeiro de 2024.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Convido a retornar a imagem da passagem-travessia da Universidade Católica de Pernambuco mediada pela Rua do Lazer, quando na verdade, esse cruzar resignado ao real pode ser ordenado para a beleza do encontro em direção às fronteiras de nossa frágil sociedade. É preciso voltar a ver o rosto do outro para saborear a sua experiência única, ir ao encontro de suas sensibilidades e inquietudes, mais do que isso, cortejar o rosto que por ali atravessa em busca do sentido. Portanto, precisamos responder eticamente pela unicidade de rostos e opor-se terminantemente à biopolítica presente em nossa sociedade, “calcada na ideia de *sociedades de indivíduos* preocupadas em salvaguardar os direitos dos indivíduos e não os direitos da coletividade” (Ribeiro Júnior, 2022, p. 243).

Na verdade, o objetivo deste ensaio não é traçar sentenças absolutas, mas tão somente trazer questionamentos, pois, a História também é um lugar de dúvidas. Porém, assumo a convicção de que devemos lutar contra o tempo de mercado, concordando com Calligaris (2023) de que “o sentido da vida é a própria vida”: o que é interessante é ter uma vida animada, ser capaz de viver intensamente os lutos, conquistas e alegrias, pois, o que dá valor a vida é a qualidade do que foi vivido. Como historiador, assumo o dever de ofício da História como ciência da mudança (Bloch, 2019, p. 189), ansioso que sou, vítima direta desta aceleração temporal, convido a todos a saborear nossa vida como utopia. Neste tempo saturado de “agora”, é preciso querer e desejar romper com a nefasta influência da economia política e sua lógica linear e progressiva de tempo. Permitamos ser levados pelo imprevisível com a intenção de semear centelhas de esperanças no futuro das novas gerações (Benjamin, 2016).

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Valdei; PEREIRA, Mateus. Atualismo: pandemia e historicidades no interminável 2020. *Estudos Ibero-Americanos*, v. 47, n.1, Porto Alegre, 2021.
- BAUMAN, Zygmunt. *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. *O Anjo da História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: BENJAMIN, Walter. *O anjo da História*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- BLOCH, Marc. Como e porque trabalha um historiador (1940). In: BENTIVOGLIO, Julio; OLIVEIRA, Josemar M. *Que pedir aos historiadores?* Vitória: Milfontes, 2019.

CANCLINI, Néstor G. *O mundo inteiro como lugar estranho*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

CALLIGARIS, Contardo. *O sentido da vida*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

CERTEAU, Michel. *La prise de parole et l'autres écrits politiques*. Paris: Du Seuil, 1994.

CORRÊA, D. et all. Human beings are first and foremost ressonante beings: Interview with Professor Hartmut Rosa of Universität Jena and diretor of Max-Weber-Kollegs. *Civitas*, Porto Alegre, v. 21., 2021.

DARDOT, P; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

HAN, Byung-Chul. *A crise da narração*. Petrópolis: Vozes, 2023.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HOBSEBAWM, Eric. *A era das revoluções, 1789 – 1848*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia estrutural dois*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

MANNHEIM, Karl. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

MENDONÇA, José T. *Libertar o tempo: para uma arte espiritual do presente*. São Paulo: Paulinas, 2017.

LIBÂNIO, João B. *Introdução à vida intelectual*. São Paulo: Loyola, 2012.

RIBEIRO JÚNIOR, Nilo. Pensar a política outramente: dos imprevistos da história à sabedoria da justiça social. *Síntese*, Belo Horizonte, v. 49, n. 154, 2022.

RICOEUR, Paul. *A ideologia e a utopia*. 1. ed. Tradução: Sílvio Rosa Filho e Thiago Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

ROSA, Hartmut. *Aceleração: a transformação das estruturas temporais da modernidade*. São Paulo: Unesp, 2019.

RÜSEN, Jörn. *Razão histórica*. Teoria da História: os fundamentos da ciência histórica. Brasília: UnB, 2001.

THOMPSON, EP. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: THOMPSON, EP. *Costumes em Comum*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

DADOS DO AUTOR

Leonardo Bentes Rodrigues

Mestre em História Social e Especialista em Historiografia e Ensino de História pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-1229-8411>

E-mail: leobentesr@gmail.com